

# Ser e mundo

## Referências antropológicas na educação

José Tarcísio Amorim<sup>1</sup>

Palestra proferida no 1º Encontro Mineiro de  
Professores do Curso de Ciências Contábeis

O *Conselho Regional de Contabilidade* torna pública, mais uma vez, a sua preocupação com os rumos a que o progresso pode nos conduzir, caso não demonstrarmos sensibilidade ética para com o humano e o social. Nós só habitamos aquilo que construímos e nossas ações, se orientadas para a totalidade da pessoa humana - e não apenas pelos afazeres definidos pelo mercado - definirão um futuro possível que brotará de nossas próprias mãos.

O evento que nos une recebeu o sugestivo título "*Com a palavra o professor*", que se realiza sob a forma de mesa-redonda sobre a *Educação*. Então, como começar?

A minha contribuição limitar-se-á a recordar alguns aspectos da relação "*Homem-Mundo*" sob a perspectiva da escola antropológico-existencial adotada pela Psicologia Profunda. Longe de trazer uma resposta acadêmica e erudita para os problemas da educação moderna, procurarei formular algumas perguntas sobre o tema que nos reúne, para estimular nosso diálogo. E para concluir, sublinharei cinco características da *Modernidade* como um desafio à Educação e, então, proporei, três características da plenitude da realização humana como estímulo para a nossa meditação no transcurso de nossa relação com o *Mundo*.

Entremos, pois, em nosso tema. Já que o *ser* só pode construir a sua *realização* no *Mundo*, procuremos recordar o que seja *Existência* e o que seja *Mundo*, para termos uma base comum sobre a qual conversarmos durante o nosso encontro sobre Educação.

Começemos pela existência humana: o homem é o ser particular que tem de estar consciente de si mesmo, ser responsável por si mesmo, se pretende tornar-se ele mesmo. É também aquele ser particular que sabe que em algum momento futuro já não mais será. É o ser que está numa relação dialética com o não-ser, com a morte.

---

<sup>1</sup> Psicanalista. Professor de Psicologia Profunda na PUC-Minas

Este ser finito, que se constrói entre o nascimento e a morte, tem um *tempo* – a temporalidade existencial – para se realizar. É por isso que *Julián Marías* nos legou esse pensamento memorável:

*o Homem é quem, uma vez criado e posto na vida, se faz a si mesmo, projetivamente, na expectativa, no sonho e no conflito. A vida mortal é o tempo em que o homem elege a si mesmo, não o que é, mas quem é, em que inventa e decide quem vai ser.*

Eis o homem que a educação moderna deveria suscitar!

Esse homem, entretanto, antes da morte e na ação da vida, experimenta um dilema que se manifesta no conflito entre o “*Eu sou*” e o “*Eu posso*”. Sempre que o homem se assume como projeto ele encontra obstáculos. Algumas de suas potencialidades podem vir a ser reduzidas por situações limitadoras, embora permitindo à liberdade reavaliar projetos, redefinir escolhas e orientar-se por novas perspectivas. Outras potencialidades, entretanto, podem ser-lhe confiscadas e colocadas a serviço de um sistema abstrato e alienador. É nesse contexto que a diferença entre “*Eu sou*” e “*Eu posso*” se internaliza, transforma-se em dívida para com a existência e o homem se vê obrigado a uma vida errante, à mercê do eterno presente e de regras alheias à sua escolha. É quando o homem se sente culpado, em dívida para consigo mesmo e para com o outro, com seus semelhantes. É o homem descrito magistralmente por *Kafka*.

A educação moderna produz o homem crítico?

O homem descende da natureza mas se integra nela diferentemente de outros seres vivos. Os animais complexos dispõem do instinto para se regularem interativamente com os estímulos do ambiente. Uma lagarta se alimenta das pétalas da mais bela rosa, uma abelha busca seu néctar e o homem a oferece ao ser amado. O homem, a partir de uma mutação denominada neotênica, perde o determinismo instintual e herda pré-disposições que lhe apontam o caminho, mas não definem suas escolhas. O homem não é instintivo, mas pulsional. Um cão, quando fareja o cio de uma cadela, é submetido a um fator desencadeante que o impele à procriação. É o padrão instintivo. E ele realiza o ato procriativo onde quer que o padrão tenha sido desencadeado: na rua, em casa, perto das autoridades ou da família da fêmea. Só deixará de fazê-lo se um cão mais agressivo e mais apto o desalojar de seu ato pela lei do mais forte. Ainda assim é o instinto de auto-sobrevivência se sobrepondo momentaneamente ao instinto de acasalamento,

que garante a continuidade da espécie. Cessada a causa, cessa o efeito.

O homem, embora portador de semelhantes disposições, submete-se às regras do convívio humano. Nenhum romance íntimo, na mesma rua em que o cão procriou, resiste ao olhar do policial e, menos ainda, à aproximação do corpulento irmão da namorada.

No homem as pré-disposições são regidas pelo bem-comum, construído na convivência, que é o pressuposto da ética. Assim, o homem ultrapassa o *ambiente* e existe num contexto denominado *Mundo*. Aqui, *Mundo* quer dizer o conjunto de relações significativas onde cada existência se realiza na comunicação interativa com os demais. O homem é, então, uma existência em estado de assédio, arremessado no mundo, incompleto, buscando o *Outro* e formando a cultura para se realizar. Solidariamente!

A educação moderna fomenta esse homem consciente?

Ser *pessoa* é, pois, um processo. Mais ainda, um processo projetivo, ou seja, a busca daquilo que *ainda não é*, mas quando *vem-a-ser* se transforma em felicidade, a meta final de toda existência. A felicidade proporciona a medida da realização da pessoa. Quando um projeto humano desconhece essa perspectiva, torna-se possível uma vida automatizada, adaptada às circunstâncias de um sistema impessoal. A utopia se transforma em morte e já não se espera nada da vida. Uma situação despersonalizadora se torna a condição de vida.

Talvez muitos de nossos estudantes estejam sendo modelados para uma tal condição. A educação moderna produz uma consciência crítica de tal situação?

Mas, o que dizer do *Mundo*?

Nunca, na história da humanidade, testemunhamos um progresso material semelhante ao que está em marcha nesse nosso tempo também denominado *pós-modernidade*. De fato, a cada momento a tecnologia emerge da produtividade humana reorganizando nossas vidas - portanto nosso *tempo* e nosso *espaço* - de uma forma que ultrapassa nossas escolhas. Nosso crédito não mais se baseia em nossa honradez, mas no controle computadorizado de nossa pontualidade. Nossas relações já não são de proximidade; podemos residir em um edifício luxuoso e jamais conhecermos os nossos vizinhos, a menos que eles usem o elevador no mesmo horário que nós ou que suas vagas de garagem estejam próximas da nossa. Nossas afinidades são cultivadas através da telefonia celular ou da internet e quaisquer ingerências em nossas vidas são resolvidas através dos telefones de serviço à comunidade.

Nunca o homem esteve tão só, embora o espaço urbano esteja superpovoado e repleto de ruídos. O coletivo substitui o social. A técnica suprimiu o encontro cotidiano e, assim, não devemos estranhar o fato de que grande parte de nossos contemporâneos não se assuste mais com as ideologias coletivas que ameaçam a pessoa com a dissolução.

Se, como vimos, a *cultura* está para o homem pulsional da mesma forma que o *ambiente* está para o animal instintivo, devemos considerar que o automatismo e a mecanização das relações "*Eu-Mundo*" representam um risco de despersonalização. Dito de outra maneira, a moderna civilização materialista, produtivista e consumista se funda sobre a negação da interioridade do homem. Assim, o homem feito para a *convivência*, para o encontro interativo profundo, encontra, na *pós-modernidade*, uma solidão trágica, porque ele não sabe como superá-la ou vencê-la.

Se transportarmos essas inquietações para o plano da educação superior, constataremos, não sem uma acentuada angústia, que somos formados para aplicar a inteligência na invenção de técnicas e rotinas destinadas a elevar o padrão de vida e de nos poupar de tudo o que nos pareça desnecessário. Tempo é dinheiro - e não vida! - para o padrão contemporâneo de existência.

A educação superior não deveria se limitar à transmissão de uma sofisticada tecnologia para um ser, doravante transformado em peça de uma engrenagem impessoal e que fortaleça o sistema abstrato que se apoderou dele. A educação precisaria enfatizar as possibilidades de realização do *ser-no-mundo-com-o outro* e, sem se afastar da profissionalização, levar o educando à aceitação de sua responsabilidade por sua conduta, pelo *Mundo* onde se realiza e para com o futuro, pois a vida não é o desfrute inconseqüente de um eterno presente consumista.

Já que a palavra é dada ao professor, cumpre-nos perguntar à educação em que medida esses elementos ora mencionados são levados em consideração. Qual o grau de consciência e de liberdade que se dispõe para se introduzir uma visão crítica numa formação quase sempre pragmática?

Uma das funções da cultura, portanto da educação superior, é preservar um elemento característico da condição humana: a *liberdade*. Deve ser função da educação levar o formando a aceitar a responsabilidade pela direção de sua vida. Deve transmitir ao educando como são profundas as raízes de suas decisões e o alcance de seus frutos enquanto realiza a existência pela mediação de sua profissão. Será puro reducionismo colocar a alta competência meramente profissional acima do dever de se achar a si mesmo e de se realizar eticamente no contexto do *Mundo* que nos constrói e se deixa construir pela conseqüência de nossos atos.

Assim sendo, impõe-se uma observação complementar. É função da educação proporcionar ao formando um forte senso de responsabilidade social e de dar-lhe os meios e condições para superar a culpa de enfrentar o sistema, ajudando-o a envidar esforços para fins socialmente construtivos.

O homem contemporâneo é arremessado no mundo em estado de assédio, como todos os homens em todos os tempos. A nossa diferença está no fato de que a nossa cultura se acha de tal forma desvinculada do compromisso para com a realização humana, que levou o renomado físico *Stephen Hawking* a afirmar:

*de certo modo, a raça humana precisa melhorar suas qualidades mentais e físicas para lidar com o mundo cada vez mais complexo à sua volta. Os seres humanos precisam aumentar sua complexidade para que os sistemas biológicos se mantenham à frente dos eletrônicos.*

Enquanto nosso *Eu* permanecer na dispersão e na fragmentação, sem tomar consciência de seus próprios recursos, não teremos alcançado a disposição que nos permita agir para a construção simultânea da *Existência* e do *Mundo*. *Ser-no-mundo-com-o-outro* é comunhão no pleno sentido da palavra. É uma presença genuína a uma realidade mais ampla do que meros individualismos atuando no mero ambiente profissional. É uma verdadeira “*nostridade*” que assegura a vida social num mundo dinâmico, em constante movimento e criativa re-significação.

A contabilização de uma operação institucional, nesses parâmetros, pode ser uma cumplicidade para com o sistema ou uma autêntica auditoria de uma sociedade a ser transformada.

Para não nos alongarmos em excesso e podermos aprofundar as análises na mesa-redonda e nos depoimentos dos presentes, tentaremos concluir essas reflexões em duas etapas. A primeira delas consiste em sublinhar cinco características da *pós-modernidade* como desafio à educação, baseando-nos no pensamento de *Emílio Romero*, a saber:

- a) o excessivo planejamento e racionalização da economia estimulando a orientação mercantil para metas e valores;
- b) ações quantificadas pela computação estimulando a atomização das relações sociais e o mero agir em detrimento da crítica;
- c) o incentivo ao consumo estimulando o conformismo, a autoridade anônima e a uniformização dos ideais;
- d) a burocratização da vida social estimulando a secularização da cultura e a redução do sentido de transcendência;

e) a automação dos processos produtivos estimulando a rotinização e a expressão dos problemas básicos da existência humana.

Como etapa final de nossa conclusão, perguntaremos à cultura e à educação se está em seus planos considerar os três seguintes aspectos da dignidade existencial em seus projetos mutuamente complementares para a humanidade que edificamos e que, em última análise, somos nós mesmos.

*Primeiro:* como a *educação* contempla a necessidade de um relacionamento comunitário, de um relacionamento de autêntico amor e compreensão de uma existência para com outras existências? Como, através de nossos atos, não sirvamos apenas ao *status quo*, mas enfrentemos os problemas críticos que ameaçam a sobrevivência do *ser-no-mundo*, como a guerra, o conflito racial e religioso, a fome e as injustiças econômicas e sociais, a delinqüência e a desigualdade de oportunidades e de acesso aos bens de cultura?

*Segundo:* como a *educação* contemplaria a necessidade que o homem tem de adequada compreensão de seu próprio "Eu" na vida - profissional e privada - que leva normalmente dia após dia? O homem precisa encontrar o sentido de sua existência aqui e agora, nas tarefas comuns ordinárias e humildes e nos problemas humanos de cada dia.

*Terceiro:* como a *educação* contempla a necessidade do homem ter experiência completa e integral de seu próprio ser em todos os seus níveis: corporal, psicológico, social e espiritual? Não há lugar para o cultivo de apenas uma parte da consciência - a profissional, por exemplo - em prejuízo da plenitude existencial do ser que somos.

Com essas reflexões agradeço a atenção de todos os presentes e abrimos espaço para que tenham a palavra os demais colegas professores.